



XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL

Dimensões do público:

Comunidades de sentido e narrativas políticas

08 a 10 de julho de 2015 | Niterói - RJ | Universidade Federal Fluminense

II Encontro Regional Sudeste de História Oral

Dimensões do Público: comunidades de sentido e narrativas políticas

Universidade Federal Fluminense, 8 a 10 de julho de 2015

PERCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO PELO OLHAR DA MENINA À PROFESSORA E ESCRITORA DE HISTÓRIA

Maria Lucia Mendes de Carvalho¹

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende apresentar a trajetória social e profissional da professora Julia Falivene Alves, identificada durante as entrevistas de história oral, realizadas em diferentes épocas, e por meio de suas obras, que possibilitaram reconhecer a sua percepção da educação pelo olhar da menina à professora e escritora de história. Durante os seus depoimentos, em sua residência, foi possível coletar fotografias e livros com o intuito de encontrar indícios que permitem reconhecer as práticas escolares e pedagógicas que foram desenvolvidas no passado, e as que são propostas para serem desenvolvidas com docentes e discentes no presente em suas obras para a educação profissional. No Centro Paula Souza, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP), emprega a história oral de vida como metodologia para compreender as práticas escolares e pedagógicas no interior das escolas profissionais e das faculdades de tecnologia, contribuindo com os estudos e pesquisas sobre as memórias e a história da educação profissional e tecnológica pública no Estado de São Paulo. No livro digital *História Oral na Educação: memórias e identidades*, organizado com 38 entrevistas, inclui pioneiros na implantação de escolas técnicas e faculdades de tecnologia na instituição. Uma das entrevistadas é a professora Julia Falivene Alves, pelo seu pioneirismo no projeto de Historiografia das Escolas Técnicas Estaduais Mais Antigas do Estado de São Paulo. (CARVALHO e RIBEIRO, 2014: 252 - 276) Nesse projeto, a partir de fontes primárias e secundárias que são encontradas nestes espaços escolares: bibliotecas, secretaria acadêmica, centros de memória, acervos escolares, refeitórios, entre outros, é possível empregar conceitos e pressupostos metodológicos da

¹ Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Doutora em Engenharia Agrícola na área de Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável pela Universidade Estadual de Campinas. Pós-doutoranda em Museologia e Patrimônio, no Museu de Astronomia e Ciências Afins, sob a supervisão do Dr. Marcus Granato, desde fevereiro/2015.

cultura escolar e da história oral para propor projetos historiográficos de educação profissional e patrimonial, envolvendo as comunidades escolares e os locais onde essas escolas estão inseridas. Nos projetos de memórias e história da educação profissional a cultura escolar é empregada para compreender as práticas escolares e pedagógicas, e as políticas educacionais no interior das escolas profissionais. Segundo Dominique Julia (2001: 10) a cultura escolar:

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos, normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores [...]

As questões levantadas durante as entrevistas com a professora Julia Falivene Alves, propiciaram à entrevistada contar a sua história de vida, se assim o desejasse. A pesquisa bibliográfica possibilitou encontrar que a história oral de vida ampara a narrativa dependente da memória dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala, segundo Meihy e Holanda (2007: 35). A primeira entrevista, de 25 de abril de 2012, foi transcrita, e posteriormente, transcrita com a entrevistada como colaboradora, realizando acertos nos textos para transpor da oralidade para a escrita, e publicada. Em seguida, os termos de cessão dos direitos autorais e de autorização para uso de imagem foram assinados pela entrevistada, e arquivados no Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza. A segunda entrevista, em 5 de outubro de 2014, precisa ser transcrita e, em seguida, transcrita com a colaboradora. Durante as entrevistas foram coletados alguns dos livros publicados pela professora Julia Falivene Alves e fotografias, de diferentes épocas. Mauad (1997:310) coloca que a história oral e a iconografia complementam-se nos estudos sobre as memórias coletivas, dizendo que:

A análise de séries fotográficas torna-se bem mais profícua, se acompanhada do testemunho do guardião das fotos. Por outro lado, as fotografias, objetos de uso pessoal, um filme antigo, entre outros suportes de memória, aguçam a lembrança e enriquecem os testemunhos orais. Ambas as disciplinas compreendem a memória como um processo social, cuja temporalidade presentifica o passado para sua compreensão plena. Tendo em vista que ambas operam sobre vestígios de objetos e lembranças, realidades presentes e viventes. [...] Outro importante imperativo metodológico é o recurso da intertextualidade, posto que, fontes visuais não são passíveis de serem interpretadas de forma autônoma. Há que se recorrer ao auxílio

de outros textos que, possibilitem ao historiador o controle da tessitura ao testemunho oral, para os períodos mais recentes, é imprescindível.

Julia Falivene Alves: percepção da educação pelo olhar da menina à professora

Julia Roberto Falivene Alves nasceu em Campinas, em 1944, filha do Dr. Coriolano Roberto Alves, médico e psiquiatra, e de Ângela Falivene Alves, dona de casa. Segundo a professora, era a caçula de dois irmãos e uma irmã adotiva, e informa onde morou nos primeiros anos de vida:

Eu fui gerada não sei onde, se foi em Campinas ou em São Paulo. Minha família morava em São Paulo, na Rua Oriente, no Brás, e todos os parentes (meus avós, tios, primos, exceto uma tia, todos das duas famílias de onde eu venho – da Falivene e da Alves – moravam em Campinas. Por isso, muitas vezes íamos para Campinas e quando minha mãe ficava grávida ela ia para lá e ficava na casa da minha avó, esperando o momento do nascimento do bebê, pois além de receber o aconchego familiar eu acho que meus pais queriam que seus filhos fossem campineiros. Principalmente meu pai, que tinha muito orgulho de ser campineiro. Esse orgulho devia-se a uma grande admiração pela cidade. Então eu nasci lá, mas morei aqui em São Paulo até meus cinco anos de idade. A Rua Oriente, no Brás, onde morávamos, não era exatamente como agora. Muito pelo contrário, era totalmente residencial, calma. Havia bondes e ainda existiam os camarões - aqueles bondes fechados e vermelhos. Eu não me lembro muito de São Paulo daquela época por causa da pouca idade.

O Dr. Coriolano Roberto Alves lia, pesquisava e escrevia muitos artigos referentes à sua profissão, já o seu avô Amilar Alves foi dramaturgo e cineasta; no entanto, Julia Falivene Alves considera que “foi com a minha mãe que eu aprendi a escrever, deixando solta a imaginação”. Durante a primeira entrevista foi perceptível a participação da mãe no processo de aprendizagem desta menina que por timidez apresentava dificuldades de se adaptar ao processo educacional naquele período, e conforme identificou-se durante a sua primeira entrevista:

Daí, aos sete anos eu comecei minha vida de estudante. Deveria ter sido aos seis, quando eu deveria ir ao “jardim de infância”. E fui, mas frequentei-o somente quinze dias. Era no Instituto de Educação Carlos Gomes, conhecido mais como Escola Normal, por causa do curso de formação de professores (curso chamado de *Normal*). Eu era muito tímida e ir à escola significava ser chamada para ir lá na frente da sala e dançar, recitar, representar e fazer coisas que para uma pessoa extremamente tímida era um terror. Então começou uma parte boa (de aprendizagem) e uma parte desagradável, que era me expor às outras pessoas, coisa que eu comecei a resolver daí para a frente, aos poucos e muito demoradamente, até que perdi toda a timidez e me lancei para o mundo despudoradamente (brincadeirinha, viu?) Isso aconteceu logo que eu me formei na faculdade, no ano seguinte. Deixa-me ver quantos anos eu tinha: ah, 23 anos. Daí eu fui perdendo a timidez quando comecei a exercer a profissão de professora, porque não dá para você continuar a ser tímida se relacionando com os jovens e adolescentes. As aulas eram uma alegria total para mim. Na sala de aula “baixava” outra Júlia, totalmente à vontade.

Julia Falivene Alves estudou nas escolas públicas de Campinas mais conceituadas. Naquela época, as escolas públicas eram poucas e as melhores, e embora o Instituto Carlos Gomes oferecesse cursos do jardim de infância à formação de professores primários, cursar a escola normal não estava nos objetivos desta menina. Por isso, ela se preparou, fez cursinho e cursou o ginásio no Culto à Ciência, dizendo que:

Na escola, desde o ginásio, eu descobri uma coisa importante e diferente na forma de ver e viver a educação. Isso pelo seguinte: eu, por timidez, não gostava de ir à escola e arrumava todos os jeitos para não ir. Qualquer dor ou um tempo frio ou chuvoso eram coisas suficientes para eu faltar. E os meus pais deixavam que eu faltasse, pois eu adorava estudar, mas sozinha. Naquela época os professores adotavam livros didáticos e muitos deles apenas repetiam nas aulas os seus conteúdos. E a gente ficava anotando tudo o que eles diziam e escreviam na lousa e, no entanto, o que eles queriam da gente, nas provas semanais (as tais *sabatinas*, porque eram feitas aos sábados, evidentemente), era a repetição do que o livro didático continha. E então eu pensava: por que eu tinha de sofrer tanto quando havia chamada oral? Até porque era constantemente chamada a ir lá na frente da classe, ou porque estudava muito e era bem vista por alguns professores ou, ao contrário, porque eu faltava muito e alguns queriam me testar. Na aula de português, se a gente fazia uma redação boa tinha que ir lá à frente e ler em voz alta para os colegas ouvirem. Eu ficava desesperada. Minha voz ficava embargada e os professores não percebiam que era porque eu estava nervosa: achavam que eu lia com emoção as minhas próprias ideias. Era terrível! Então o que eu pensei: eu estudo em casa pelo livro. Eu faltava sem a menor dose de culpa ou sentimento de irresponsabilidade. Pelo contrário, até aprendia mais, pois estudava fingindo que era eu a professora e estava ensinando meus alunos (no início as bonecas que eu tinha, enfileiradas e “atentas” e, mais tarde, a aluna que eu ensinava era eu mesma). Em outras palavras, eu estava “aprendendo a aprender”, sem saber que isso seria um preceito didático imprescindível no século 21!

Durante a primeira entrevista encontrei um desenho em porta retrato na sua residência, o que demonstra o seu gosto por bonecas desde criança (Figura 1). Mas também a questioneei sobre ter alguns ganhos para não frequentar a escola, o que Julia respondeu:

Eu ficava estudando em casa. Eu aprendi a aprender. Por que se eu fosse à escola, eu ia aprender a reproduzir o que o professor tinha me dito. Se eu fosse à escola, e eu não iria fazer perguntas, pois teria vergonha. Então eu lia e lia o que eu não conseguisse entender até que minha mente se esclarecesse. Como já mencionei, eu sinto que comecei a minha carreira de professora aos sete anos, só que as alunas eram bonecas. Eu lhes fazia a pergunta que era a pergunta que eu queria fazer para mim e, com isso, perceber se eu havia aprendido ou não. Quando começou a haver mudanças no pensamento pedagógico, as quais culminaram na LDB de 1996, eu pensei: *Puxa! O que eu fazia já era aprender a aprender!*



Figura 1 - Desenho da professora, em porta retrato, quando criança. Fonte: Arquivo pessoal
Julia Falivene Alves, em 2012.

Julia Falivene Alves: de professora a repórter e escritora de história

A família passou a ter menos importância na vida de Julia Falivene Alves, quando esta ingressou na Faculdade de Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e foi quando esta começou a participar da política universitária, do Centro Acadêmico, de Congressos, sendo uma das fundadoras do cine clube universitário da PUCCAMP. Segundo a professora: “eu comecei a expandir meu universo: vi que a vida não era um filme de Hollywood e que o Brasil não era exatamente o que aparecia na TV. Comecei a ler Josué de Castro, Caio Prado Jr, Werneck Sodré, Frei Josaph  e outros tantos”.

Julia Falivene Alves lembra que nessa época, surgiu a Revista Claudia, uma revista feminina, que priorizava culinária, moda, com seções sentimentais, mas que trazia uma seção – A Arte de Ser Mulher – de Carmem da Silva, cujas cr nicas, segundo a professora contribuíram para mudar a sua vida:

A Carmen da Silva era tudo para mim. Por causa dela eu conheci Simone de Beauvoir e daí foi “abelha no mel”. Foi quando, então, eu comecei a minha militância na linha do feminismo e do socialismo. Tanto   que quando eu me formei e fui lecionar em Americana, para substituir uma professora de história e de OSPB, eu olhei o programa que estava sendo desenvolvido e pensei: - *Que coisa chata isso a . Para que serve?* Como iniciante, eu não sabia que o programa elaborado por ela, que era a professora efetiva, tinha que ser seguido. Como ninguém me falou nada, graças a Deus, eu mudei tudo. [...] Eu mudei o programa. A nova programac o era assim: Revolu o e Contra-revolu o. Ditadura: Fascismo e Nazismo. Explosão Demográfica e Natalidade. Machismo e Feminismo etc. Esses eram os temas das minhas aulas. Eu me realizava e os alunos gostavam. S  que quando a professora chegou, foi um escândalo! Ela foi lá mostrar para a Diretora, que era muito rígida. Quase não fui aceita para lecionar no ano seguinte.

Durante a entrevista comentei com a professora que, em 1967, estavam encerrando um ciclo da ditadura, e que logo em seguida, vieram os anos de chumbo do País. Nesse instante, Júlia Falivene Alves diz que:

Foi no primeiro ano em que eu lecionei. Eu tinha 23 anos. Realmente, foi em 1967 mesmo. Com os alunos fiz a apresentação de uma missa, que se chamava Missa Criolla e acho que era obra de Geraldo Vandré. E também com eles eu participei da organização de um jornal que não era da escola e sim para circular pela cidade. [...] E daí quando eu saí da faculdade, na escola em que eu lecionei me senti isolada, em relação às posturas dos outros professores. Minha escolha foi tentar expandir os horizontes dos alunos para não enxergarem somente o que a imprensa falava, a família tradicional falava. Eu me sinto feliz de ter feito essa escolha, porque muitos alunos tiveram sua visão ampliada com isso. Mas, no ano seguinte, eu não fui convidada para ser professora naquela escola. E, então, fiquei desesperada: *“Meu Deus, agora que eu conheci o gosto pelo trabalho, que é bom trabalhar como professora, o que eu vou fazer?”*

A professora Julia Falivene Alves começou a sua carreira como professora na cidade de Americana, como professora substituta, informando sobre a sua percepção do magistério:

Eu me lembro de que tinha ficado só quatro meses dando aulas, que foi o tempo da licença-prêmio da professora que substituí, e saí encantada pelo magistério, o engraçado é que eu não queria ser professora, por causa da visão feminista. Naquela época o patriarcado achava que mulher tinha que ser enfermeira, secretária, professora ou dona de casa. Então eu queria ser outra coisa, para mostrar que eu podia. Daí a minha mãe fez a minha inscrição para fazer o curso normal. E eu disse: Não adianta porque eu não vou fazer. E meu pai disse: Você não sabe o dia de amanhã. Vai que você se casa com uma pessoa que não é boa. Era o casamento que tinha que ser o foco. E eu falava: - Eu não quero ser professora e não fui fazer o exame. Eu só fui dar aula por que não tinha emprego para sociólogos. O Fernando Henrique e o Betinho trabalhavam como sociólogos. Eram pessoas excepcionais na época. O Fernando Henrique era professor universitário. O Betinho era o humanista que sempre foi.

Ainda em 1967, apareceu um anúncio de um teste para repórter no jornal Diário do Povo, em Campinas, e a professora Julia Falivene Alves tomou coragem, fez o teste, e foi trabalhar no Suplemento Feminino realizando entrevistas com profissionais que se destacavam na cidade, entre esses a professora Naomi Vasconcelos, que foi sua professora de filosofia no colégio, apresentando-lhe Simone de Beauvoir e Sartre, entre outros, e que na época, era diretora de uma escola na cidade de Pedreira. Segundo a Júlia, “por coincidência, anos mais tarde ela foi diretora nessa escola, substituindo-a quando a professora Naomi foi morar na Bélgica”.

Com o decorrer da entrevista foi perceptível a influência de professores na sua formação e nas práticas escolares e pedagógicas que empregou durante a sua trajetória social e profissional. Para Julia Falivene Alves, a professora de filosofia Naomi Vasconcelos tinha concepções e práticas pedagógicas avançadas, diz que:

Ela não adotou um livro didático e não trabalhou conosco os filósofos utilizando a ordem cronológica linear, como se fazia na época. Não! Ela tocava em um assunto do momento ou nos perguntava sobre o que queríamos conversar. Às vezes, ela se referia a um filme, que algumas alunas haviam assistido, e envolvia todos os demais. Daí começava a discussão e, então, ela aproveitava as afirmações que fazíamos ou as

nossas dúvidas e dizia: *Isso que você falou tem muito a ver com o filósofo tal, que lá nos idos tal falou assim e foi bem ou mal compreendido, mas que nos influenciou em tal aspecto, tal teoria etc.* Quer dizer, fomos aprendendo os filósofos com base na vida da gente, das coisas da vida, do ser humano, da época. Se não fosse ela, talvez eu, como professora, fosse chegar na sala de aula e fizesse a mesma coisa que os outros professores. Foi sorte que eu a tive como um modelo. E o seguí muito bem.

Mas em 1968, Julia Falivene Alves voltou a trabalhar na escola de Americana, dando continuidade as suas práticas escolares participativas, mas sem pressão da direção. Em paralelo, exercia a sua profissão de jornalista em outro jornal de Campinas – o Correio Popular – escrevendo artigos feministas. Dois anos depois, já concursada e efetiva como professora em Pedreira, mas casada com um advogado e repórter de ascendência alemã, decidem morar na Alemanha. Essa experiência de quase dois anos nesse país, possibilitou a professora ao retornar ao Brasil, recuperar o seu cargo, em Pedreira, dizendo que:

As razões da aprovação da minha readmissão foram baseadas em dois fatos e argumentos: um deles é que a minha cadeira de professora efetiva, na cidade de Pedreira, não havia sido ocupada; o outro foi que provei com documentos os cursos que fiz na Alemanha; que havia conhecido vários países cujas histórias eram importantes para a nossa própria história do Brasil e que havia trazido de lá muito material didático para usar com os alunos, como slides, por exemplo.

O seu depoimento durante a entrevista de história oral de vida, traz a fala de seus alunos sobre suas práticas escolares em sala de aula, ao dizer que ouviu: “Julia, você era a única professora que ficava na porta esperando para nos cumprimentar. Os outros ficavam sentados na cadeira, esperando a gente sentar nas carteiras.”; “Você passava aqueles slides e a gente viajava com você.” [...] Nunca me esqueci!

Tempos depois, o casal passou a viver em São Paulo, e professora Julia Falivene Alves conseguiu remoção para o Colégio MMDC, em São Paulo, onde atuou por vinte anos, aposentando-se em 1992, e ingressou na educação profissional. Quanto a sua carreira como escritora, Julia Falivene Alves nos conta como iniciou e o processo de criação do seu primeiro livro “A invasão cultural norte-americana” (Figura 2 e 3), ao dizer:

Em 1986, eu fui convidada para escrever um livro sobre a invasão cultural norte-americana. Daí eu falei: - *Puxa vida! Por onde eu começo?* Eu nunca havia escrito um livro e, como por encanto, eu me lembrei de uma coisa que tinha lido em um daqueles diários dos internos do Hospital do Juqueri, onde meu pai trabalhava, que, na época era um hospital muito bom. Meu pai era muito humanista: ele era contra o choque elétrico e contra a lobotomia, práticas muito em uso na época. Ele achava que era conversando, socializando e dando oportunidade aos doentes de se expressarem pela arte, artesanato ou outros tipos de trabalho que eles melhorariam. Então, eu me lembrei de um versinho que eu vi no tal diário: “*Para os americanos tudo é OK. Tudo é OK! Queria ver só os americanos comerem pão com OK*” Veja

só: eu me lembrei disso! Quando essa pessoa escreveu e eu li, eu era criança, devia ter uns oito anos. Eu me lembrei disso, em 1986, quando eu tinha 42 anos. [...] No Brasil, ao contrário, havia muita gente passando fome. Pensei: era isso o que o doente lúcido queria expressar e é isso que eu vou mostrar no livro sobre a invasão cultural norte-americana em nosso país. Afinal, eu vi essa invasão começar. Eu fui da geração que primeiro bebeu Coca-Cola no Brasil.



Figura 2 e 3 – A 13ª edição do livro mantém a capa original da 1ª edição, de 1988, que posteriormente, foi alterada, conforme a 2ª edição reformulada, em 2004, e 40ª impressão, em 2008. Fonte: Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, em 2015.

Julia Falivene Alves: professora, coordenadora e escritora no Centro Paula Souza

Julia Falivene Alves ingressou na Coordenadoria de Ensino Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza, em 1992. (Figura 4) Essa instituição começou a ser oficialmente gerenciada com a Resolução N° 2.227, de 9 de abril de 1969, que constituiu a Comissão Especial para a elaboração do projeto de criação e plano de instalação e funcionamento de um instituto tecnológico educacional no Estado de São Paulo. O ofício n° 169/69, de 14 de abril, do governador Roberto Costa de Abreu Sodré, ao presidente dessa comissão especial, professor Oswaldo Fadigas Fontes Torres, já mencionava a importância que esta nova instituição daria para a formação de professores, ao descrever “a conveniência de instituir na capital uma escola superior de tecnologia e de formação de professores do ensino técnico [...] que sirva de modelo para desenvolvimento, em municípios para tanto capacitados, de institutos congêneres”. (MOTOYAMA e NAGAMINI, 2004:26)



Figura 4 – Julia Falivene Alves quando ingressou no Centro Paula Souza, em 1992. Fonte: Arquivo de Julia Falivene Alves, em 2015.

O Centro Paula Souza foi criado por meio do decreto-lei de 06 de outubro de 1969, na gestão do governador Roberto Costa de Abreu Sodré, para quem a modernização de uma sociedade não se processaria sem a devida consideração ao ensino técnico. (MOTOYAMA, 1995:469) Quando esta instituição surgiu era denominado Centro de Educação Tecnológica de São Paulo. Em 1973, por estar localizada no Edifício Paula Souza, no bairro da Luz, na capital de São Paulo, no prédio da antiga Escola Politécnica, passou a ser denominado Centro Paulo Souza. Atualmente, na sala 11, deste Edifício, tombado em 2003 (LOUVAIN, 2015:185), está em fase de implantação o Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica para melhor contribuir com a gestão dos Centros de Memória em escolas técnicas e faculdades de tecnologia.

Há dezessete anos um grupo de professores e estudantes participaram da criação de Centros de Memória, em escolas da rede de escolas do Centro Paula Souza, por meio do projeto *Historiografia das Escolas Técnicas Estaduais mais Antigas do Estado de São Paulo*, denominação interna para o referido projeto iniciado pela professora Julia Falivene Alves (Figura 5), na Cetec, sob a coordenação e orientação da professora Dra. Carmen Sylvia Vidigal de Moraes (Figura 6), do Centro de Memória da Educação da Universidade de São Paulo, que recebeu apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), para o projeto *Pesquisa sobre o ensino profissional no estado de São Paulo: memória institucional e transformações histórico-espaciais (1998 a 2002)*, que propiciou a criação de oito Centros de Memória.

Em 2002 foram publicados o Álbum Fotográfico e o Inventário de Fontes (Figura 7) referentes aos estudos e pesquisas realizados nos oito Centros de Memória pelas equipes de docentes participantes do projeto no Centro Paula Souza. (MORAES e ALVES, 2002, 2002a) No Centro Paula Souza, Júlia Falivene Alves atuou como Professora Responsável pela Disciplina História, Responsável por Projetos, integrante da Coordenadoria Pedagógica do Telecurso TEC e Coordenadora e Professora de Cursos de Formação Continuada em Práticas Pedagógicas. Entre 2003 e 2008, com o fim do apoio financeiro da FAPESP, foram desenvolvidos projetos nas unidades escolares com Centros de Memória, por meio de horas

atividades específicas, propostos e acompanhados pela professora Julia Falivene Alves na Cetec, e realizados por professores que atuaram em Amparo, Campinas, Franca, Jacaré, Santos, São Paulo e Sorocaba, de forma a contribuir para a manutenção de estudos e pesquisas nas unidades escolares sobre memórias e história da educação profissional.

Um artigo escrito pela professora Julia Falivene Alves, na revista *Synthesis*, nos permite conhecer a origem do projeto de historiografia na Cetec, assim como as primeiras unidades escolares integrantes do projeto, que era assessorado por pesquisadoras do Centro de Memória da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e da Universidade Estadual de São Paulo, e que posteriormente, contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Alves (1998:31) informa as finalidades desse projeto naquela época:

O projeto Historiografia está voltado para a produção de conhecimento sobre a história da educação profissionalizante; a construção de um acervo documental permanente, com banco de dados informatizados nas Unidades e na administração central, abertos ao público; o estímulo a posturas de respeito ao patrimônio histórico e cultural; o desenvolvimento de hábitos e ações de cidadania voltadas para a preservação de documentos significativos à construção de uma memória.



Figuras 5, 6 e 7 – Julia Falivene Alves, a primeira à esquerda, com professores de historiografia, em 2002; Carmen Silvia Vidigal de Moraes, a segunda à esquerda, em 2001; e um dos livros produzido pela equipe do projeto, em 2002. Fonte: Arquivo próprio, em 2015.

Concluindo,

Pode-se dizer que a maioria de suas obras foi produzida durante o período que a professora Julia Falivene Alves atuou na Cetec, entre 1992 e 2011. É autora de vários livros didáticos e paradidáticos, entre estes: *Metrópoles: cidadania e qualidade de vida* (ALVES, 1992); *Programa Profissão* (ALVES, 2002); *A prova-teste como instrumento de avaliação de competências: princípios, elaboração, validação e possibilidades* (ALVES, 2005); *Ética Profissional e Cidadania Organizacional* (ALVES e BASSI, em 2011) e *Avaliação Educacional: da Teoria à Prática*. (ALVES, 2013) A professora refere-se à instituição, dizendo

que “Depois eu fui para o Centro Paula Souza e daí foi o ápice. O ápice da alegria de trabalhar em educação. Foi a melhor fase da minha vida. Agora estou revivendo algumas coisas que fizemos lá, nos livros que escrevo sobre educação”.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Júlia Falivene. **Metrópoles: cidadania e qualidade de vida**. São Paulo: Editora Moderna Ltda. (Coleção Polêmica), 1992.
- ALVES, Júlia Falivene. Historiografia das Mais Antigas Escolas Técnicas Estaduais do Estado de São Paulo. **Revista Synthesis**, Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, n. 5, out. 1998, 31-38.
- ALVES, Júlia Falivene. **Programa Profissão**. São Paulo: Centro Paula Souza, 1ª Ed. São Paulo: Copidart Editora Ltda, 2002.
- ALVES, Júlia Falivene. **A invasão cultural norte-americana**. São Paulo: Editora Moderna Ltda. (Coleção Polêmica), 2ª Reformulação, 2004, 40ª Impressão, 2008.
- ALVES, Júlia Falivene. **A prova-teste como instrumento de avaliação de competências: princípios, elaboração, validação e possibilidades**. Campinas: Editora Komedi, 2005.
- ALVES, Júlia Falivene. BASSI, Carmen. **Ética Profissional e Cidadania Organizacional**. São Paulo: Editora Fundação Padre Anchieta, 2011.
- ALVES, Júlia Falivene. **Avaliação Educacional: da Teoria à Prática**. São Paulo: Editora LTC, em 2013.
- CARVALHO, Maria Lucia Mendes de. Entrevista com Julia Falivene Alves. In: CARVALHO, Maria Lucia Mendes de Carvalho. RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado (orgs). **História Oral na Educação: memórias e identidades**. Centro Paula Souza. 1ª Ed. 2014. Disponível em: < <http://www.cpscetec.com.br/memorias/arquivos/FalaEscritaCPSPBP.pdf>> 30 jun. 2015.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 1, p.10, 2001.
- LOUVAIN, Pedro. **Preservação do Patrimônio Cultural Científico e Tecnológico Brasileiro. Identificação, análise, avaliação e estudos de bens tombados**. 261p. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio). Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, e do Museu de Astronomia e Ciências Afins, MAST, Rio de Janeiro, 2015.

MAUAD, Ana Maria. História, iconografia e memória. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. **Os Desafios Contemporâneos da História Oral**. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; ALVES, Julia Falivene. (orgs.). **Contribuição à Pesquisa do Ensino Técnico no Estado de São Paulo**: Inventário de Fontes Documentais. Centro Paula Souza. 1ª Ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; ALVES, Julia Falivene. (orgs.). **Álbum Fotográfico** – Uma História em Imagens – Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo. Centro Paula Souza, 1ª Ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002a.

MOTOYAMA. S. (org). **Educação Técnica e Tecnológica em Questão**. 25 anos do CEETEPS – Uma História Viva. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

MOTOYAMA, Shozo. NAGAMINI, Marilda. **Escola Politécnica**, 110 anos construindo o futuro. São Paulo: Edusp, 2004.